

APRESENTAÇÃO DAS VOZES DISCURSIVAS EM FEMINISMO NEGRO E DORA, A NEGRA E FEMINISTA¹

Autor: Eduardo de Jesus Avelino do Nascimento²; Co-autora: Maria Suely da Costa³

(Universidade Estadual da Paraíba/eduardo_jesus29@hotmail.com; Universidade Estadual Da Paraíba/mscosta3@hotmail.com),

RESUMO: Ao longo da história as mulheres lutaram por igualdade de direitos, como também, empenharam-se na busca pelo respeito ao seu espaço na sociedade. No entanto, a voz da mulher negra ficou abafada devido à representação feminista ser praticamente configurada por mulheres brancas. A partir disto mulheres negras inconformadas com as condições de luta que não enfatizavam seus ideais, protagonizaram no final da década de 1970, no Brasil, o início do movimento feminista negro. O feminismo negro não apresentava apenas o ideal de equivalência entre homens e mulheres, o movimento foi além lutando contra o racismo que, a priori, viu-se estabelecido dentro do movimento de luta do próprio gênero. Diante disto, não existe apenas um discurso imerso na luta social, há várias vozes que se sobressaem e transpassam o tempo. Cada discurso congrega com a ideologia em que o enunciador está inserido, ou seja, suas palavras estarão intimamente ligadas à defesa na qual representará. Objetiva-se neste estudo demonstrar as vozes discursivas presentes nos cordéis *Feminismo Negro* e *Dora, a negra e feminista*, de autoria da cordelista Jarid Arraes, a fim de apresentar o aspecto de defesa que está presente na obra como forma de combate ao racismo, evidenciado a enunciação do “eu-lírico” que enfatiza a representatividade da mulher negra dentro do contexto que está inserida. Terá como aportes teóricos estudos voltados para análise do discurso e da linguagem literária. Os resultados destacam a importância da literatura como mecanismo de reflexão de temas sociais polêmicos, pautando formas de pensar e de reagir ante aos fenômenos sociais.

Palavras-chave: Mulher, Literatura, Resistência.

INTRODUÇÃO

Ao produzir um discurso o enunciador remete sua fala a determinado contexto histórico, assim sendo, seu discurso estará ligado a uma ideologia.

No feminismo há o discurso social, tem-se à defesa dos direitos das mulheres. O movimento surgiu como forma de combater o pensamento em que tinha a mulher como

¹ Pesquisa vinculada ao projeto “A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL E DE GÊNERO NA POESIA POPULAR” - PIBIC – 2016/2017.

² Graduando do curso de Letras – Campus III – Bolsista PIBIC.

³ Profa. Dra. Departamento de Letras – Campus III - Orientadora PIBIC.

inferior perante o homem. Como é de conhecimento de todos, a luta seguiu e segue com o propósito de igualdade.

No Brasil, no início do século XX, o movimento empenhava-se na luta por equiparação salarial, direito ao voto e representação parlamentar, fato este nunca imaginado devido o pensamento da época. No entanto, um grupo de mulheres não se sentia representadas, pois suas causas não estavam sendo discutidas, a partir disto, surge o feminismo negro.

Surgido entre o fim da década de 1970 e os anos iniciais de 1980, o movimento feminista negro lutava por ideais que vão além da igualdade entre gêneros, lutavam contra o racismo, que via-se inserido no movimento feminista.

A partir do que foi exposto, utiliza-se nesta pesquisa os cordéis “*Feminismo negro*” e “*Dora, a negra e feminista*” com o propósito de destacar as vozes discursivas presentes nas obras.

A literatura, em sua face social, problematiza questões que estão imersos na sociedade. Ao fazer uma crítica a determinada conduta social, o autor expõe em sua obra, seja através de uma personagem ou, dentro da poesia, do “eu-lírico” que provocará sentimentos e poderá formular indagações no leitor.

Esta forma de resistência traz consigo ideologia que servirá como mecanismo para a construção discursiva dentro da obra, desta forma, ao analisar os cordéis, será evidenciado o discurso aliado à literatura.

METODOLOGIA

Com base em estudos bibliográficos e com análises das obras literárias, esta pesquisa se concentra no estudo dos cordéis “*Feminismo negro*” e “*Dora, a negra e feminista*” e tem por objetivo mostrar as vozes discursivas que estão presentes na obra. O intuito desta pesquisa está em demonstrar o discurso presente no dia a dia da mulher negra, que por muitas vezes tem seus direitos e princípios feridos. Para tanto, este trabalho se alicerça nas produções de Maingueneau (2014 & 2015) em que versa sobre o discurso literário e a análise do discurso, respectivamente. Para o desenvolvimento desta pesquisa, requer ainda um estudo sobre a formação do feminismo negro e suas vertentes, observando a construção sociohistórica do movimento de defesa dos interesses da mulher negra.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um discurso não é absoluto em sua composição, vem acompanhado de outros discursos que fora pronunciado em outro momento submerso no contexto histórico, ou seja, existe uma espécie de “provocação” que dará suporte a outro discurso.

Quanto a literatura, a sua estará embasada no que Maingueneau (2014) define como “cenografia”, em que levará em conta a representação que servirá para a construção da enunciação.

A cenografia não é um simples alicerce, uma maneira de transmitir “conteúdos”, mas o centro em torno do qual gira a enunciação. A literatura é um discurso cuja identidade se constitui através da negociação de seu próprio direito de construir um *dado* mundo mediante uma *dada* cena de fala correlativa que atribui um lugar a seu leitor ou espectador. Para não decair em simples procedimento, a cenografia da obra deve, portanto, corresponder ao mundo que ela torna possível: não há cenografia profética se o não texto não oferece uma descrição marcante do justo perseguido.
(MAINGUENEAU, 2014, p. 264)

Em “*Feminismo negro*”, o “eu-lírico” enfatiza a luta das mulheres negras que não sentiram-se representadas pelo feminismo. Motivadas, iniciaram o feminismo negro que lutava pelos interesses das mulher negra que já sofria desde a escravidão.

Se você inda não sabe
O que é o Feminismo
Te explico bem ligeiro
Pra não ter charlatanismo
É a luta das mulheres
Com fim de protagonismo

Só que tinha um problema
Complicado de enfrentar
Pois o tal do Feminismo
Teimava em representar
Só as brancas estudadas
Sem do racismo lembrar
(ARRAES, 2014a, p. 1)

Desde o fim do século XIX as mulheres lutavam pelo direito de participação na vida pública, porém, a mulher negra ainda estava reclusa à participação indireta, pois enquanto as mulheres brancas lutavam por seus interesses, mulheres negras estavam sofrendo os resquícios da escravidão, ficando apenas com os cuidados domésticos.

Pois enquanto mulher branca
Por emprego batalhava
A mulher que era negra
Já há muito labutava

Desde a vil escravidão
Ou limpando chão de casa.

Como esquecer da sinhá
Vinda lá da casagrande
Que findou foi em virar
Na patroa comandante
Explorando só a negra
Se fazendo dominante
(ARRAES, 2014a, p. 2)

Evidenciado o contexto social, o discurso produzido revela o preconceito inerente no que diz respeito ao racismo e denota a força da mulher negra frente a rotulações pejorativas. O discurso, aqui, mostra à defesa da representatividade da mulher negra.

O racismo é um problema
Que em privilégio dá
É por isso que as brancas
Precisam isso enfrentar
E rever o seu racismo
Escondido a disfarçar.

Só com esse compromisso
É possível a união
Com o forte objetivo
Da maior libertação
Para todas as mulheres
Dessa diversa nação.
(ARRAES, 2014a, p. 7)

Já em “*Dora, a negra e feminista*” a narrativa está centrada na personagem Dora que teve a vida marcada por sofrimentos ao ponto até de ser violentada. Por ser negra, sofre com a ideia presente no imaginário popular em que se torna alvo do sexismo.

Não queria ter amigos
Era alvo de risada
Puxavam nela seu crespo
Na bunda davam lapada
Chamavam até de puta
E dora estava cansada.

[...]

E Dora seguiua a vida
Mas queria se matar
Odiava ser quem era
O cabelo ia alisar
Ser preta era um fardo
Que não podia aguentar.
(ARRAES, 2014b, p. 2)

Existe um conceito pré-estabelecido da padronização da beleza que muitas mulheres negras querem se enquadrar, este discurso que determina o que é belo ou não faz com que promova uma disseminação equivocada de beleza. No entanto, Dora dá a volta por cima, resolve então lutar por seus ideais que junta com outras amigas questionavam o social.

Aos poucos foi encontrando
Outras amigas iguais
Conscientes das origens
E das questões raciais
Ganhou irmãs e amigas
Que eram tão especiais.

Lutavam dia e noite
Não aceitavam o racismo
Nunca ficavam quietas
E expulsavam o machismo
Era mais do que política
Muito mais que coleguismo.
(ARRAES, 2014b, p. 4)

Porém, mesmo após a conquista do diploma, ainda recaia sobre ela o fato de ser da periferia. Apesar de sofrer preconceitos, não se deixou abater.

É verdade que no mundo
Nem tudo é calma
Dora continuava preta
Mulher da periferia
Sofria com o preconceito
Porém não desmorecia.

Tinha dia mais difícil
Que era pesado viver
Muita ofensa e agressão
Coisa dura de doer
Mas foi na sobrevivência
Que ela quis permanecer.
(ARRAES, 2014b, p. 5)

O que se observa neste estudo é uma interposição de discursos. De um lado o discurso historicamente produzido que traz consigo todo pensamento retrógrado de uma época que não enxergava a mulher como um ser social; Do outro lado o discurso que tem raiz no princípio de contestar o retrocesso social, como mecanismo de defesa. Neste sentido, as mulheres demonstraram a capacidade de questionar e dá soluções para enfrentar o racismo ou sexismo, mostrando ser atuante nas questões sociais.

A noção de posicionamento (doutrina, escola, teoria, partido, tendência...) implica que, em um mesmo espaço, os enunciados se relacionam com a construção e a preservação de diversas identidades enunciativas que estão em relação de concorrência, em sentido amplo: sua delimitação recíproca

não passa necessariamente por um confronto aberto. (MAINGUENEAU, 2015, p. 68)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso produzido remete a dois princípios: o primeiro se concentra na defesa de um povo que historicamente vem sofrendo com o preconceito; o segundo está diretamente ligado à valorização do ser, ou seja, existe o mecanismo que vai além da luta por ideais em comum, deve-se haver também a valorização da pessoa além da cor, pois raça não define caráter, beleza, o saber mais ou menos tampouco se um grupo é mais dotado de inteligência que o outro. O que foi exposto nos cordéis enfatiza que a luta pelos direitos sociais devem ser demandas de todos, para que não haja assim uma segregação visando interesses unilaterais.

Segundo Guimarães (2005), o racismo é determinado segundo a própria sociedade que julga mediante a aparência, desconsiderando a capacidade intelectual. As mulheres negras tiveram que lutar contra preconceito estabelecido devido à cor dentro do próprio feminismo, que as não representava, e ainda, contra o julgamento que via mulher como um ser incapaz. A formação do feminismo negro contribuiu para que outras mulheres pudessem ter voz e vez, e assim, conquistar o seu espaço na sociedade.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. *Feminismo negro*. Literatura de Cordel, 2014a.

ARRAES, Jarid. *Dora, a negra e feminista*. Literatura de Cordel, 2014b .

GUIMARÃES, A. S. A. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução: Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Discurso e análise do discurso*. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Feminismo negro no Brasil: um papo com Djamila Ribeiro. Disponível em

<www.afreaka.com.br/notas/o-feminismo-negro-brasil-um-papo-com-djamila-ribeiro> Acesso em 21/04/2017

Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria. Disponível em

<www.geledes.org.br/feminismo--sobre-minorias-dentro-da-minoria-por-jarid-arraes> Acesso em 21/04/2017

Quem tem medo do feminismo negro?. <Disponível em

<www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/quem-tem-medo-do-feminismo-negro-1920.html> Acesso em 20/04/2017.